

"A mulher do fim do mundo, dá de comer às roseiras, dá de beber às estátuas, dá de sonhar aos poetas. A mulher do fim do mundo chama luz com assobio, faz a virgem virar pedra, cura a tempestade, desvia o curso do sonho, escreve cartas aos rios, me puxa do sonho eterno para os seus braços que cantam"

O Murilo Mendes, o que define muito pra mim a poética dele, é justamente o caráter, assim, muito de amplitude, né!?, ele tinha uma concepção de poesia muito larga, muito pouco especializada, não por acaso ele foi um grande conhecedor de pinturas, de música, porque ele acreditava que a poesia era uma espécie de linguagem capaz de sintetizar essas outras diferentes linguagens

Um poeta que vai fornecendo pistas pra gente ler e ao mesmo tempo essas pistas nos despistam mais do que nos colocam no caminho, nos fazem ver a obra de formas mais complexas do que nós vimos a primeira vista

[José Alberto] Juiz de fora no final do século XIX e no início do século XX, quando o Murilo Mendes nasceu, é uma cidade vocacionada para cultura, o teatro de Juiz de Fora e a literatura são campos muito efervescentes, por aqui passaram muitos nomes da literatura brasileira também, como no caso de Belmiro Braga, que foi professor do Murilo, foi com Belmiro Braga que Murilo aprendeu a eletrificar, a rimar

Pode parecer até estranho que uma criança com 8, 9 anos vá aprender poesia, a rimar eletrificar, acho que aí já começa uma certa denúncia de que o menino se interessava por literatura

"As estrelas choraram tristemente, os roseirais em flor, o lírio ardente, desfolham as pétalas orvalhadas, de pranto e luto todo azul se encheu, quando a princesa dourada das baladas morreu"

Minha mãe então tinha um caderno de poesia, que ela deu pro Murilo escrever, ele escreveu trinta e seis poesias com a letra dele

O gosto do Murilo pra época era um gosto muito avançado, o que ele publicou ali, o que ele transcreveu pra minha mãe foi poesia do mais alto nível, um rapaz da idade dele jamais conheceria, mesmo culto, não conheceria aqueles poetas.

O Murilo Mendes morava em frente, era dois anos mais velho que ela, ela era lindíssima minha mãe, uma mulher deslumbrante, ele atravessava para recitar os poemas dele pra ela na janela da casa dela, que era em frente a casa dele, em Juiz de Fora.

E ele falava que a rua onde eles todos moravam, havia sons de piano por todos os lados, saindo de todas as casas sons de piano, era uma rua silenciosa, com sons de piano emanando da janela, da sala de visita, e o cometa Halley que foi uma grande paixão dele, ele viu o Halley, foi um acontecimento que marcou a vida dele, ele começou a se sentir poeta quando ele viu o cometa Halley

[Murilo Marcondes] Parece que Juiz de Fora então atuou mesmo sobre o imaginário do poeta profundamente, depois que ele escreveu ou publicou o livro "A idade do serrote" que é um livro de memórias espetacular, um livro de gênero, absolutamente estável, dos grandes livros da literatura brasileira, aí então aquilo, pelo menos no modo que ele apresenta Juiz de Fora, é um viveiro de imagens que foram decisivas, na montanha, no rio, no Paraibuna, que é o objeto da poesia dele, a descoberta da morte, das grandes alegrias, a questão do feminino, do amor, do erotismo, todas essas coisas realmente muito fortes, muito presentes.

Eu acho que a sensibilidade visual, essa capacidade de "supervisor", de ver muitas coisas de ângulos muito diversos, era muito forte no Murilo Mendes

"O prazer, a sabedoria de ver, chegavam a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assalta sempre. Ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida"

[Murilo Marcondes] Ele escreve livros nos anos sessenta, ele tem lá os seus sessenta anos, então, é um momento um pouco de balanço, uma autobiografia já sendo um homem maduro, de um homem que está na Europa a pouco menos de dez anos.

E uma coisa que eu acho importante que talvez até pudesse citar o Otávio Paz aqui, é que quando o Octavio Paz diz, que los poetas no tienen una biografía, su biografía é su obra, então acho que é isso, Murilo queria deixar um tempo biográfico dele registrado na Obra, porque outro tempo biográfico do Murilo você vai encontrar na obra dele inteira.

O que eu acho mais interessante desse livro, é como fica absolutamente exemplificado a necessidade que o Murilo tinha de figurar sua própria vida de forma mítica, quase como se ele precisasse o tempo todo fazer sua obra brotar de uma determinada experiência de vida. Muito destemido também, falar das coisas, imaginar um poeta católico, ficar falando de seus interesses eróticos de infância, e que dá um título desses, e que esse título "A idade do serrote", serrote tem uma ilusão sexual também, ou seja, serrote é a masturbação, a idade do serrote é a idade do menino que se masturbava

O Rio de Janeiro já seduzia o Murilo, seduzia o Murilo por que, porque o Rio de Janeiro era uma capital federal, onde todas as novidades acontecem, você ia pro mundo pelo Rio de Janeiro, você chegava do mundo no Rio de Janeiro.

Era não só a capital federal, a capital do país, mas também era o lugar da modernidade por excelência do Brasil

Quando ele chega ali ele vai ter uma experiência do que era uma cidade grande, ele vai ter uma experiência do que era uma metrópole, ou seja, alguma medida ele refaz um percurso, que é o percurso da poesia moderna, da constituição da poesia moderna, desde Baudelaire, que é uma poesia que está ligada a um "bate", mas também uma absorção da experiência de cidade grande.

Uma coisa no Rio de Janeiro importante a gente considerar, como acontecia em São Paulo, é a rede de sociabilidade que os artistas, que os intelectuais modernistas fomentaram, então no Rio de Janeiro, duas dessas redes são a casa do Aníbal Machado em Ipanema e a própria casa do Ismael Nery que mantinham reuniões com um grupo de intelectuais, até intelectuais diferentes, frequentavam a casa, alguns comuns às duas casas, outros diferentes, mas é onde se discutia a questão do modernismo, onde se discutiam as questões contemporâneas.

Eu acho que ele tem muita sorte no Rio de Janeiro de logo encontrar Ismael Nery, que há uma sedução imediata, seduz por que, porque Ismael era um sujeito muito atualizado com as informações contemporâneas daquilo que inclusive se passava não só no Brasil, mas que se passava principalmente na Europa.

E aí o Murilo começa a conviver com Ismael nesse sentido de adquirir dele todas essas informações

Há muitos expedientes da pintura do Ismael Nery que de alguma medida vão se verificar também na poesia do Murilo Mendes daquele período

O que nós chamamos de surrealismo daquela fase do Murilo Mendes, é um surrealismo marcado muito pelo filtro do Ismael Nery, eu penso por exemplo nessas figuras de casais que aparecem compactados numa única figura, ou seja, forma uma figura que é um andrógino no final das contas, a gente vai poder perceber isso no Murilo Mendes também, o Ismael Nery fornece pro Murilo Mendes uma experiência também do elemento fantástico no elemento cotidiano.

"Ele desmancha à sombra das estátuas, pensa no próprio olhar, ressuscita os mortos na lembrança dos outros, descola o som da boca dos saxofones, levanta o mundo um centímetro acima da pele, agarra nos sonhos da namorada, anda no ar, debruçado a visão instantânea do fim do tempo"

Pela mão do pai que se faz a primeira publicação do primeiro livro do Murilo que é o livro "Poemas" que foi rodado em Juiz de Fora na empresa Dias Cardoso

[Murilo Marcondes] Eu acho que o livro, assim, representa muito aquele momento da poesia brasileira mesmo, de pesquisas muito diferentes, mas que tinham sido de alguma forma liberadas por um vínculo com uma ideia de vanguarda, uma ideia do experimentalismo, então é um livro que cumpre muito bem esse projeto, e ao mesmo tempo que cumpre um projeto coletivo dos poetas brasileiros do tempo, é um livro inteiramente singular, já parece um poeta muito diferente

Existe esse jogo entre a referência e a abstração da referência, entre uma poesia que é muito aberta ao tempo presente, mas é também, tem o movimento de expansão e de abstração bastante grande.

Então eu diria que ele tem um começo que é mais ligado ao modernismo e que a gente pode identificar uma série de traços que identificam com outros poetas daquele período dos anos vinte, trinta, mas depois a obra dele vai tomando feições muito próprias

É um escritor que em alguma medida consegue dialogar, absorver e transformar em força própria, em força poética, uma série de experiências artísticas das outras áreas

A gente pode ver por exemplo a importância inaugural que vai ter pra ele da visão que ele teve do espetáculo do Nijinski no Rio de Janeiro, isso na adolescência ainda, ou seja, ele de alguma medida, reivindicava esse momento como um momento de iluminação como um momento de revelação da poesia pra ele, ou seja, no balé e isso vira uma força pra poesia dele

Acho que tem mesmo no horizonte dele a ideia de que um, a poesia né, quer dizer, um grande poeta que ele é, então, assim sempre teve como horizonte, era alguém que podia, deveria ter assim uma espécie de trânsito com essas outras artes, ele tem uma certa concepção do texto poético, era assim, a gente nota que ela é muito permeável à certas questões da pintura e da música, por exemplo, a questão das aberturas dos poemas de Murilo Mendes, a sensação que a gente tem é que às vezes ele tem um vínculo muito grande com a música, ou então, um modo de compor as vezes muito multifacetado, como, montagens, isso poderia ser associado a uma certa questão da pintura

"A música do espaço para, a noite se divide em dois pedaços.

Uma menina grande, morena, que andava na minha cabeça,
fica com um braço de fora.

Alguém anda a construir uma escada pros meus sonhos.

Um anjo cinzento bate as asas
em torno da lâmpada.

Meu pensamento desloca uma perna,
o ouvido esquerdo do céu não ouve a queixa dos namorados

Eu sou o olho dum marinheiro morto na Índia,
um olho andando, com duas pernas.

O sexo da vizinha espera a noite se dilatar, a força do homem.

A outra metade da noite foge do mundo, empinando os seios.

Só tenho o outro lado da energia,

me dissolvem no tempo que virá, não me lembro mais quem sou."

O Murilo assinala muito fortemente alguns momentos de "virada" na vida dele e um desses momentos é essa conversão ao catolicismo, que se dá no velório do Ismael Nery, no momento da morte desse amigo que era um amigo que tinha criado uma versão muito própria do catolicismo, que ele mesmo chamava de Essencialismo, e que o Murilo vai reivindicar em vários momentos da sua obra, a gente conhece muito o Essencialismo de Ismael Nery, essa espécie de doutrina religiosa e filosófica, a partir do que o Murilo Mendes diz, ele assinala esse momento como um momento de conversão, tem esse relato que o Pedro Navas faz em um dos seus livros, de um Murilo ali no velório caindo e gritando, tendo uma espécie de revelação, sendo levado para fora do velório, deve ter sido uma cena um pouco constrangedora

E tem essa frase célebre do Pedro Nava, ele vai dizer: "O que eu vi ali não era um surto, não era uma coisa assim..."

Foi parecido ao que aconteceu com Saulo, com São Paulo, no caminho de damasco, ou seja, a conversão também

Então essa conversão de Murilo Mendes é interessante, porque ela aguça uma dúvida em uma, um certo catolicismo da infância, derivado do próprio pai, e essa conversão o leva também a se aproximar de uma espécie de Franciscanismo, essa solidariedade com o pobre, mas uma solidariedade muito menos ideológica do que dos modernistas, é uma solidariedade pela pobreza, quer dizer, eles são pobres, e ele vai dizer em um poema que se chama "Os pobres", "Nós os fizemos pobres"

Ele vai, isso é interessante, ele vai fazer uma fusão interessantíssima entre uma mentalidade moderna e o catolicismo medieval franciscano.

Essa dimensão religiosa ela é muito presente, ela inclusive é uma visão de mundo do poeta, é uma visão do tempo, é uma visão da história, uma visão da morte, uma visão do sujeito, quer dizer, isso está na obra dele de muitas formas.

E parece até que a questão religiosa de uma maneira paradoxal ajuda o poeta a de alguma maneira transfigurar o cotidiano imediato, e assim, vislumbrar alguma coisa que existe para além da aparência, um outro plano não imediatamente acessível.

O Murilo Mendes ele associa coisas de uma visão religiosa, se a gente pode dizer assim, à própria ideia da arte de vanguarda, que é uma arte assim que busca muito além da imitação imediata da realidade

Esse vínculo entre a matéria e o espírito, entre o corpo e alguma coisa que possa representar um transporte, também, dentro dessa ideia da vocação transcendente, não estão separadas nele justamente.

Compartilhar de novo, também, com o próprio surrealismo, dessa ideia do gozo ou da experiência amorosa radical, como uma experiência de liberação e de alguma forma de elevação mesmo.

A experiência erótica, então, ela é propiciadora ele seria propiciadora também dessa realização da vocação transcendente.

"Esta noite eu te encontro nas solidões de coral
Onde a força da vida nos trouxe pela mão.
No cume dos redondos lustres em concha
Uma dançarina se desfolha.
Os sonhos da tua infância
Desenrolam-se da boca das sereias.
A grande borboleta verde do fundo do mar
Que só nasce de mil em mil anos
Adeja em torno a ti para te servir,
Apresentando-te o espelho em que a água se mira,
E os finos peixes amarelos e azuis

Circulando nos teus cabelos
Trazem pronto o líquido para adormecer o escafandrista.
Mergulhamos sem pavor
Nestas fundas regiões onde dorme o veleiro,
À espera que o irreal não se levante em aurora
Sobre nossos corpos que retornam às águas do paraíso."

Eu acho que os livros ali entre 38 e 45, isto é, "As metamorfoses", "Mundo enigma", "Poesia liberdade", se eles se alimentam da religião, eles já sentem uma questão muito própria inteiramente autônoma como linguagem poética, em que isso aparece, que a religião aparece ao lado de outras componentes, e é um momento que poderia dizer, de maturidade do poeta, e também um momento político da poesia de Murilo Mendes, um momento que ele se volta para os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial de uma maneira muito forte, muito poderosa, ele é um poeta que se preocupa fortemente com o andamento da guerra, escreve dezenas de poemas a respeito, que vão desde o livro "As metamorfoses" justamente a "Poesia liberdade" e que são belos poemas públicos
Que ele compartilha com o Drummond com a Cecília Meireles com Oswald de Andrade por exemplo.

Nunca na história da humanidade, se tinha tido uma experiência de guerra como aquela, com tudo que ela trouxe, é um momento que a gente pode dizer, é quase um clichê, mas a própria figura do humano muda a partir daquilo ali

Nesse momento é como se ficasse muito claro que o objeto sublime que ele tem diante dele, aquele objeto que diante do qual sujeito tem que encontrar forças pra tentar dar conta intelectualmente, sensorialmente e perceptivamente daquele objeto sublime, e esse objeto passa a ser a própria história

E o Murilo vai processar isso em vários poemas dele, tentando dar conta disso, eticamente, poeticamente em vários poemas desse período

Homenagem a Raimundo Lúlio
"A inocência perguntou à crueldade:
Por que me persegues?"
A crueldade respondeu-lhe:
-E tu, porque te opõem a mim?"

Isso é o primeiro estrofe.
Segunda

"A veia do camponês, queixou-se do cavalo do ditador, então, o cavalo forte queixou-se das esporas do ditador"

Entende, quer dizer, é uma visão de que a guerra não é só aquela guerra, haverá sempre guerra, e a seguinte vai dizer isso.

"O pensamento encontrou-se com a eternidade, e perguntou
De onde vens?
-Se eu soubesse, não seria eterna
Para onde vais?
-Volto para de onde venho"

Entende, quer dizer, esse lado "Muriliano", que é interessantíssimo dentro do modernismo, porque ninguém tem essa visão, porque não é abstrata, é esse o negócio que é interessante, não tem nada a ver com os poetas simbolistas cristãos, tipo Alphonsus de Guimaraens, porque tudo nele é a matéria

E todos os elementos que estão em jogo, são elementos transcendentais, essa é a palavra complicada para entender Murilo, são todos elementos transcendentais e essa transcendência dialoga, não abstratamente com uma certa doutrina católica, mas ela dialoga com mais concreto da realidade sócio política nacional mundial, é isso que torna o Murilo ao meu ver, uma figura fascinante

Se casa com uma portuguesa de uma família bem tradicional portuguesa, que ela é filha de Jaime Cortesão grande historiador, Maria da Saudade Cortesão

Eu acho que a Maria da Saudade é importante porque a saudade passa a ter uma grande complexidade em toda construção da obra de Murilo a partir daí, ela é a primeira grande crítica de tudo aquilo que Murilo escreve

As figuras femininas da poesia de Murilo Mendes, são.., na poesia de Murilo Mendes, são importantíssimas, são desde a Jandira, da famosa Jandira, que é um poema lindíssimo, tem uma quantidade enorme de figuras femininas, todas as figuras femininas que vão aparecer na "Idade do serrote", que ali você acompanha, também, de algum modo, você tem uma memória dessas figuras femininas

Existe toda uma genealogia feminina muito fascinante, e aquilo que ele vai chamar de musas de passagem, aquela pelas quais você transita, que é uma experiência Etc., e continua

"O mundo começava nos seios de Jandira.

Depois surgiram outras peças da criação:
surgiram os cabelos para cobrir o corpo,
(às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos).
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.
E surgiram sereias da garganta de Jandira:
o ar inteirinho ficou rodeado de sons
mais palpáveis do que pássaros.
E as antenas das mãos de Jandira
captavam objetos animados, inanimados,
dominavam a rosa, o peixe, a máquina.
E os mortos acordam nos caminhos visíveis do ar
quando Jandira penteia a cabeleira...
Depois o mundo desvendou-se completamente,
foi-se levantando, armado de anúncios luminosos.
E Jandira apareceu inteiriça,
de cabeça aos pés.
Todas as partes do mecanismo tinham importância.
E a moça apareceu com o cortejo do seu pai,
de sua mãe, de seus irmãos.
Eles é que obedeciam aos sinais de Jandira
crescendo na vida em graça, beleza, violência.
Os namorados passavam, cheiravam os seios de Jandira
e eram precipitados nas delícias do inferno.
Eles jogavam por causa de Jandira,
deixavam noivas, esposas, mães, irmãs
por causa de Jandira.
E Jandira não tinha pedido coisa alguma.
E vieram retratos no jornal
e apareceram cadáveres boiando por causa de Jandira.
Certos namorados viviam e morriam

por causa de um detalhe de Jandira.
Um deles suicidou-se por causa da boca de Jandira.
Outro, por causa de uma pinta na face esquerda de Jandira.
E seus cabelos cresciam furiosamente com a força das máquinas;
não caía nem um fio,
nem ela os aparava.
E sua boca era um disco vermelho
tal qual um sol mirim.
Em roda do cheiro de Jandira
a família andava tonta.
As visitas tropeçavam nas conversações
por causa de Jandira.

E um padre na missa
esqueceu de fazer o sinal-da-cruz por causa de Jandira.

E Jandira se casou.
E seu corpo inaugurou uma vida nova,
apareceram ritmos que estavam de reserva,
combinações de movimento entre as ancas e os seios.
À sombra do seu corpo nasceram quatro meninas que repetem
as formas e os gestos de Jandira desde o princípio do tempo.

E o marido de Jandira
morreu na epidemia de gripe espanhola.
E Jandira cobriu a sepultura com os cabelos dela.
Desde o terceiro dia o marido
fez um grande esforço para ressuscitar:
não se conforma, no quarto escuro onde está,
que Jandira viva sozinha,
que os seios, a cabeleira dela transtornam a cidade
e que ele fique ali à toa.

E as filhas de Jandira
inda parecem mais velhas do que ela.
E Jandira não morre,
espera que os clarins do juízo final
venham chamar seu corpo,
mas eles não vêm.
E mesmo que venha, o corpo de Jandira
ressuscitará inda mais belo, mais ágil e transparente."

"Vivo em Roma porque aqui posso exercer
meu trabalho de professor, escritor e membro
de uma sociedade secreta que se propõe
dinamitar o monumento de Piazza Venezia.
Porque Roma, segundo um célebre soneto
de Quevedo, não está mais em Roma, portanto
não me sinto mais obrigado a seguir
os rastros dos Césares. Porque seu povo é
humano e simpático. Porque Roma tem belas
mulheres, praças estupendas; este ocre de
suas casas me serve de tônico. Porque aqui
encontrei amigos deliciosos: que geralmente

não creem que $2 + 2 = 4$. Porque em Roma existe o Museu de Valle Giulia: quando entro ali me transformo num etrusco. Porque raramente se topam rinocerontes nos seus parques. Pois que é a cidade que vive sob o signo do juízo universal e da mais formidável história em quadrinhos, exatamente o juízo universal de Miguel Ângelo, o 'Arrabbiato' por excelência. Porque vivendo em Roma não sinto necessidade de ir à lua. Somos aqui, todos, lunáticos."

Murilo vai pra Europa e vai fazer palestra sobre cultura brasileira, quando Murilo volta da Europa, ele tá decidido, a voltar para a Europa em outro sentido, não mais de um viajante, mas um dos sentidos de morar, ele tenta primeiro morar na Espanha, e tem o visto de permanência negado, e depois então ele vai pra Roma

O Murilo acaba sendo quase o primeiro momento onde a literatura brasileira, um dos primeiros momentos que a literatura brasileira começa a ser na marra, obrigatoriamente lida, porque o poeta tá ali e é presente e ao mesmo tempo é aquele que vai fornecendo os elementos para se ter o mínimo conhecimento que era a literatura feita no Brasil
O fato dele estar ligado a Universidade de Roma dando curso de literatura brasileira, claro que isso vai ser importante e vai ser muito importante de imediato a figura (33:30 áudio não entendido) porque era uma das primeira que escreve textos que entraram para fortuna crítica do Murilo Mendes

Tem momento ali da obra dele a partir dos anos cinquenta em que ele vai perceber como a história é no fundo, não a história de um determinado momento, só um mergulho no passado, mas é uma espécie de copresença dos tempos.

Chega na Cecília não é só que ele vai ver na Cecília antiguidade, presente, naquele momento, nos anos cinquenta, mas ele vai ver como a Cecília é sobreposição de tempos
É um lugar em que as mais diferentes civilizações as mais diferentes experiências culturais, não só ocorreram, mas deixaram vestígios, história não é algo dado no passado, a história está presente ali.

"Correspondendo a fragmentos de astros,
A corpos transviados de gigantes,
A formas elaboradas no futuro,
Severas tombando
Sobre o mar em linha azul, as ruínas

Severas tombando
Compõem, dóricas, o céu largo.
Severas se erguendo,
Procuram-se, organizam-se,
Em forma teatral suscitam o deus
Verticalmente, horizontalmente.

Nossa medida de humanos
-Medida desmesurada-
Em Selinunte se exprime:
Para a catástrofe, em busca
Da sobrevivência, nascemos."

O mediterrâneo era uma espécie de reencontro que acontecia no Mundo, os lugares pelos quais ele está circulando ali, sobre os quais ele está escrevendo, Espanha, Portugal, Itália, Itália sobretudo do sul

Ele vai ter...para acaso ele tenha livros todo de poemas sobre a Cecília, era no fundo um reencontro com o terceiro mundo, ou seja, com aquilo que ele tinha deixado no Brasil também, era um outro terceiro mundo

É como se ele pudesse também recuperar uma experiência de interesse social, de interesse pelas questões sociais, que estavam dadas no Brasil, e que ele volta a perceber lá

Esse livro "Convergência" é um livro muito diferenciado pelo concretismo e aí é um caso espantoso, assim, de um poeta mais velho, que assume, absorve a influência de poetas mais novos que estavam surgindo ali

Mesmo o poeta, assim, já próximo dos 70 anos, ele procurou sempre essa atualização, estética, mesmo com um padrão forte na obra dele o que não deixa de ser uma espécie de retorno aquele programa modernista, a ideia de que uma questão fundamental do artista modernista era atualização da estética

Então acho que isso o Murilo Mendes cumpriu muito bem

Nós não podemos esquecer que o "Convergência" tem um livro gêmeo que é o "Hipótese", que é o livro que ele escreve em italiano e é um livro que é muito...tem uma série de semelhanças formais, e é muito curioso também esse caso de um poeta brasileiro que vai escrever um livro inteiro em outra língua.

E isso também mostra essa disposição sempre permanente dele, pra essa alteridade, para o outro, para as coisas diferentes, para a absorção de coisas novas

"O mapa" é um poema muito importante, é um poema que está publicado no primeiro livro do Murilo Mendes, e eu acho que ele cumpre as duas tarefas do que é um mapa

Um mapa serve primeiro em alguma medida como uma espécie de margem de um território, esse território é o próprio Murilo, é um autorretrato, mas há uma segunda função do mapa, o mapa não apenas faz uma imagem de um determinado lugar, ele permite também que aquele que tem o mapa em mãos se oriente.

É como se o Murilo dissesse: "Como eu sou, mas também, como eu quero ser, o que eu serei daqui em diante"

Mapa é alguma coisa que promete uma delimitação, mas que, na verdade cumpre um projeto de expansão, justamente de explosão dos limites, tem um movimento contínuo que é muito importante também, determina justamente com isso, sempre em transformação.

Tem uma convicção nessa concepção dele de que as coisas são necessariamente fluídas, qualquer fixação, trai, esse movimento essencial

Esse mapa que o Murilo Mendes desenha de si mesmo, é um mapa que se define muito por uma série de "antítese", de experiências antitéticas, ele é uma coisa e é o seu contrário ao mesmo tempo, ele quer ser uma coisa e quer ser o seu contrário ao mesmo tempo.

Mas o que é impressionante nessa postura, é que, dentro desse quadro de dilaceração, que a gente pode dizer, de despedaçamento, o Murilo consegue forjar uma unidade, uma unidade estranha, mas que muniidade

E ele dá uma série de nomes nesse poema a essa unidade, talvez o mais conhecido desses nomes, seja bagunça transcendente, inaugura no mundo o estado de bagunça transcendente, a obra do Murilo Mendes vai ser marcada por isso, ou seja, é uma bagunça transcendente o tempo todo.

Bagunça porque tem essa presença do caos o tempo todo, mas é um caos que aspira sempre a um plano "outro"

É o ponto de partida do mapa, a gente não pode esquecer, ele vai começar justamente com essa imagem de alguém preso num determinado momento, circunscrito a um determinado recorte de tempo e de espaço, mas que vê a si mesmo, já como... explodindo aquele tempo e espaço

É um poeta que não cabe em si, ele tá tendo uma experiência do sujeito, que é um sujeito que tá se abrindo o tempo todo ao mundo, tá explodindo, tá se espalhando pelo mundo

"Me colaram no tempo, me puseram
uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou
limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,
a leste pelo Apóstolo São Paulo, a oeste pela minha educação.
Me vejo numa nebulosa, rodando, sou um fluido,
depois chego à consciência da terra, ando como os outros,
me pregaram numa cruz, numa única vida.
Colégio. Indignado, me chamam pelo número, detesto a hierarquia.
Me puseram no rótulo de homem, vou rindo, vou andando, aos solavancos.
Danço. Rio e choro, estou aqui, estou ali, desarticulado,
gosto de todos, não gosto de ninguém, batalho com os espíritos do ar,
alguém da terra me faz sinais, não sei mais o que é o bem nem o mal
Minha cabeça voou acima da baía, estou suspenso, angustiado, no éter,
tonto de vidas, de cheiros, de movimentos, de pensamentos,
não acredito em nenhuma técnica.
Estou com os meus antepassados, me balanço em arenas espanholas,
é por isso que saio às vezes pra rua combatendo personagens imaginários,
depois estou com os meus tios doidos, às gargalhadas,
na fazenda do interior, olhando os girassóis do jardim.
Estou no outro lado do mundo, daqui a cem anos, levantando populações...
Me desespero porque não posso estar presente a todos os atos da vida.
Onde esconder minha cara? O mundo samba na minha cabeça.
Triângulos, estrelas, noite, mulheres andando,
presságios brotando no ar, diversos pesos e movimentos me chamam a atenção,
o mundo vai mudar a cara,
a morte revelará o sentido verdadeiro das coisas.

Andarei no ar.

Estarei em todos os nascimentos e em todas as agonias,
me aninhei nos recantos do corpo da noiva,
na cabeça dos artistas doentes, dos revolucionários.

Tudo transparece:

vulcões de ódio, explosões de amor, outras caras aparecerão na terra,
o vento que vem da eternidade suspenderá os passos,
dançarei na luz dos relâmpagos, beijarei sete mulheres,
vibrarei nos canjerês do mar, abraçarei as almas no ar,
me insinuei nos quatro cantos do mundo.

Almas desesperadas eu vos amo. Almas insatisfeitas, ardentes.

Detesto os que se tapeiam,

os que brincam de cabra-cega com a vida, os homens "práticos"...

Viva São Francisco e vários suicidas e amantes suicidas,

e os soldados que perderam a batalha, as mães bem mães,
as fêmeas bem fêmeas, os doidos bem doidos.

Vivam os transfigurados, ou porque eram perfeitos ou porque jejuavam muito...

Viva eu, que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente.
Sou a presa do homem que fui há vinte anos passados,
dos amores raros que tive,
vida de planos ardentes, desertos vibrando sob os dedos do amor,
tudo é ritmo do cérebro do poeta. Não se inscreve em nenhuma teoria,
estou no ar,
na alma dos criminosos, dos amantes desesperados,
no meu quarto modesto da praia de Botafogo,
no pensamento dos homens que movem o mundo,
nem triste nem alegre, chama com dois olhos andando,
sempre em transformação. "

"A mulher do fim do mundo, dá de comer às roseiras, dá de beber às estátuas, dá de sonhar aos poetas. A mulher do fim do mundo chama luz com assobio, faz a virgem virar pedra, cura a tempestade, desvia o curso do sonho, escreve cartas aos rios, me puxa do sonho eterno para os seus braços que cantam"

O Murilo Mendes, o que define muito pra mim a poética dele, é justamente o caráter, assim, muito de amplitude, né!?, ele tinha uma concepção de poesia muito larga, muito pouco especializada, não por acaso ele foi um grande conhecedor de pinturas, de música, porque ele acreditava que a poesia era uma espécie de linguagem capaz de sintetizar essas outras diferentes linguagens

Um poeta que vai fornecendo pistas pra gente ler e ao mesmo tempo essas pistas nos despistam mais do que nos colocam no caminho, nos fazem ver a obra de formas mais complexas do que nós vimos a primeira vista

[José Alberto] Juiz de fora no final do século XIX e no início do século XX, quando o Murilo Mendes nasceu, é uma cidade vocacionada para cultura, o teatro de Juiz de Fora e a literatura são campos muito efervescentes, por aqui passaram muitos nomes da literatura brasileira também, como no caso de Belmiro Braga, que foi professor do Murilo, foi com Belmiro Braga que Murilo aprendeu a eletrificar, a rimar

Pode parecer até estranho que uma criança com 8, 9 anos vá aprender poesia, a rimar eletrificar, acho que aí já começa uma certa denúncia de que o menino se interessava por literatura

"As estrelas choraram tristemente, os roseirais em flor, o lírio ardente, desfolham as pétalas orvalhadas, de pranto e luto todo azul se encheu, quando a princesa dourada das baladas morreu"

Minha mãe então tinha um caderno de poesia, que ela deu pro Murilo escrever, ele escreveu trinta e seis poesias com a letra dele

O gosto do Murilo pra época era um gosto muito avançado, o que ele publicou ali, o que ele transcreveu pra minha mãe foi poesia do mais alto nível, um rapaz da idade dele jamais conheceria, mesmo culto, não conheceria aqueles poetas.

O Murilo Mendes morava em frente, era dois anos mais velho que ela, ela era lindíssima minha mãe, uma mulher deslumbrante, ele atravessava para recitar os poemas dele pra ela na janela da casa dela, que era em frente a casa dele, em Juiz de Fora.

E ele falava que a rua onde eles todos moravam, havia sons de piano por todos os lados, saindo de todas as casas sons de piano, era uma rua silenciosa, com sons de piano emanando da janela, da sala de visita, e o cometa Halley que foi uma grande paixão dele, ele viu o Halley, foi um acontecimento que marcou a vida dele, ele começou a se sentir poeta quando ele viu o cometa Halley

[Murilo Marcondes] Parece que Juiz de Fora então atuou mesmo sobre o imaginário do poeta profundamente, depois que ele escreveu ou publicou o livro "A idade do serrote" que é um livro de memórias espetacular, um livro de gênero, absolutamente estável, dos

grandes livros da literatura brasileira, aí então aquilo, pelo menos no modo que ele apresenta Juiz de Fora, é um viveiro de imagens que foram decisivas, na montanha, no rio, no Paraíba, que é o objeto da poesia dele, a descoberta da morte, das grandes alegrias, a questão do feminino, do amor, do erotismo, todas essas coisas realmente muito fortes, muito presentes.

Eu acho que a sensibilidade visual, essa capacidade de "supervisor", de ver muitas coisas de ângulos muito diversos, era muito forte no Murilo Mendes

"O prazer, a sabedoria de ver, chegavam a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assalta sempre. Ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida"

[Murilo Marcondes] Ele escreve livros nos anos sessenta, ele tem lá os seus sessenta anos, então, é um momento um pouco de balanço, uma autobiografia já sendo um homem maduro, de um homem que está na Europa a pouco menos de dez anos.

E uma coisa que eu acho importante que talvez até pudesse citar o Otávio Paz aqui, é que quando o Octavio Paz diz, que los poetas no tienen una biografía, su biografía é su obra, então acho que é isso, Murilo queria deixar um tempo biográfico dele registrado na Obra, porque outro tempo biográfico do Murilo você vai encontrar na obra dele inteira.

O que eu acho mais interessante desse livro, é como fica absolutamente exemplificado a necessidade que o Murilo tinha de figurar sua própria vida de forma mítica, quase como se ele precisasse o tempo todo fazer sua obra brotar de uma determinada experiência de vida. Muito destemido também, falar das coisas, imaginar um poeta católico, ficar falando de seus interesses eróticos de infância, e que dá um título desses, e que esse título "A idade do serrote", serrote tem uma ilusão sexual também, ou seja, serrote é a masturbação, a idade do serrote é a idade do menino que se masturbava

O Rio de Janeiro já seduzia o Murilo, seduzia o Murilo por que, porque o Rio de Janeiro era uma capital federal, onde todas as novidades acontecem, você ia pro mundo pelo Rio de Janeiro, você chegava do mundo no Rio de Janeiro.

Era não só a capital federal, a capital do país, mas também era o lugar da modernidade por excelência do Brasil

Quando ele chega ali ele vai ter uma experiência do que era uma cidade grande, ele vai ter uma experiência do que era uma metrópole, ou seja, alguma medida ele refaz um percurso, que é o percurso da poesia moderna, da constituição da poesia moderna, desde Baudelaire, que é uma poesia que está ligada a um "bate", mas também uma absorção da experiência de cidade grande.

Uma coisa no Rio de Janeiro importante a gente considerar, como acontecia em São Paulo, é a rede de sociabilidade que os artistas, que os intelectuais modernistas fomentaram, então no Rio de Janeiro, duas dessas redes são a casa do Aníbal Machado em Ipanema e a própria casa do Ismael Nery que mantinham reuniões com um grupo de intelectuais, até intelectuais diferentes, frequentavam a casa, alguns comuns às duas casas, outros diferentes, mas é onde se discutia a questão do modernismo, onde se discutiam as questões contemporâneas.

Eu acho que ele tem muita sorte no Rio de Janeiro de logo encontrar Ismael Nery, que há uma sedução imediata, seduz por que, porque Ismael era um sujeito muito atualizado com as informações contemporâneas daquilo que inclusive se passava não só no Brasil, mas que se passava principalmente na Europa.

E aí o Murilo começa a conviver com Ismael nesse sentido de adquirir dele todas essas informações

Há muitos expedientes da pintura do Ismael Nery que de alguma medida vão se verificar também na poesia do Murilo Mendes daquele período

O que nós chamamos de surrealismo daquela fase do Murilo Mendes, é um surrealismo marcado muito pelo filtro do Ismael Nery, eu penso por exemplo nessas figuras de casais que aparecem compactados numa única figura, ou seja, forma uma figura que é um andrógino no final das contas, a gente vai poder perceber isso no Murilo Mendes também, o Ismael Nery fornece pro Murilo Mendes uma experiência também do elemento fantástico no elemento cotidiano.

"Ele desmancha à sombra das estátuas, pensa no próprio olhar, ressuscita os mortos na lembrança dos outros, descola o som da boca dos saxofones, levanta o mundo um centímetro acima da pele, agarra nos sonhos da namorada, anda no ar, debruçado a visão instantânea do fim do tempo"

Pela mão do pai que se faz a primeira publicação do primeiro livro do Murilo que é o livro "Poemas" que foi rodado em Juiz de Fora na empresa Dias Cardoso

[Murilo Marcondes] Eu acho que o livro, assim, representa muito aquele momento da poesia brasileira mesmo, de pesquisas muito diferentes, mas que tinham sido de alguma forma liberadas por um vínculo com uma ideia de vanguarda, uma ideia do experimentalismo, então é um livro que cumpre muito bem esse projeto, e ao mesmo tempo que cumpre um projeto coletivo dos poetas brasileiros do tempo, é um livro inteiramente singular, já parece um poeta muito diferente

Existe esse jogo entre a referência e a abstração da referência, entre uma poesia que é muito aberta ao tempo presente, mas é também, tem o movimento de expansão e de abstração bastante grande.

Então eu diria que ele tem um começo que é mais ligado ao modernismo e que a gente pode identificar uma série de traços que identificam com outros poetas daquele período dos anos vinte, trinta, mas depois a obra dele vai tomando feições muito próprias

É um escritor que em alguma medida consegue dialogar, absorver e transformar em força própria, em força poética, uma série de experiências artísticas das outras áreas

A gente pode ver por exemplo a importância inaugural que vai ter pra ele da visão que ele teve do espetáculo do Nijinski no Rio de Janeiro, isso na adolescência ainda, ou seja, ele de alguma medida, reivindicava esse momento como um momento de iluminação como um momento de revelação da poesia pra ele, ou seja, no balé e isso vira uma força pra poesia dele

Acho que tem mesmo no horizonte dele a ideia de que um, a poesia né, quer dizer, um grande poeta que ele é, então, assim sempre teve como horizonte, era alguém que podia, deveria ter assim uma espécie de trânsito com essas outras artes, ele tem uma certa concepção do texto poético, era assim, a gente nota que ela é muito permeável à certa questões da pintura e da música, por exemplo, a questão das aberturas dos poemas de Murilo Mendes, a sensação que a gente tem é que às vezes ele tem um vínculo muito grande com a música, ou então, um modo de compor as vezes muito multifacetado, como, montagens, isso poderia ser associado a uma certa questão da pintura

"A música do espaço para, a noite se divide em dois pedaços.

Uma menina grande, morena, que andava na minha cabeça,
fica com um braço de fora.

Alguém anda a construir uma escada pros meus sonhos.

Um anjo cinzento bate as asas

em torno da lâmpada.
Meu pensamento desloca uma perna,
o ouvido esquerdo do céu não ouve a queixa dos namorados
Eu sou o olho dum marinheiro morto na Índia,
um olho andando, com duas pernas.
O sexo da vizinha espera a noite se dilatar, a força do homem.
A outra metade da noite foge do mundo, empinando os seios.
Só tenho o outro lado da energia,
me dissolvem no tempo que virá, não me lembro mais quem sou."

O Murilo assinala muito fortemente alguns momentos de "virada" na vida dele e um desses momentos é essa conversão ao catolicismo, que se dá no velório do Ismael Nery, no momento da morte desse amigo que era um amigo que tinha criado uma versão muito própria do catolicismo, que ele mesmo chamava de Essencialismo, e que o Murilo vai reivindicar em vários momentos da sua obra, a gente conhece muito o Essencialismo de Ismael Nery, essa espécie de doutrina religiosa e filosófica, a partir do que o Murilo Mendes diz, ele assinala esse momento como um momento de conversão, tem esse relato que o Pedro Navas faz em um dos seus livros, de um Murilo ali no velório caindo e gritando, tendo uma espécie de revelação, sendo levado para fora do velório, deve ter sido uma cena um pouco constrangedora

E tem essa frase célebre do Pedro Nava, ele vai dizer: "O que eu vi ali não era um surto, não era uma coisa assim..."

Foi parecido ao que aconteceu com Saulo, com São Paulo, no caminho de damasco, ou seja, a conversão também

Então essa conversão de Murilo Mendes é interessante, porque ela aguça uma dúvida em uma, um certo catolicismo da infância, derivado do próprio pai, e essa conversão o leva também a se aproximar de uma espécie de Franciscanismo, essa solidariedade com o pobre, mas uma solidariedade muito menos ideológica do que dos modernistas, é uma solidariedade pela pobreza, quer dizer, eles são pobres, e ele vai dizer em um poema que se chama "Os pobres", "Nós os fizemos pobres"

Ele vai, isso é interessante, ele vai fazer uma fusão interessantíssima entre uma mentalidade moderna e o catolicismo medieval franciscano.

Essa dimensão religiosa ela é muito presente, ela inclusive é uma visão de mundo do poeta, é uma visão do tempo, é uma visão da história, uma visão da morte, uma visão do sujeito, quer dizer, isso está na obra dele de muitas formas.

E parece até que a questão religiosa de uma maneira paradoxal ajuda o poeta a de alguma maneira transfigurar o cotidiano imediato, e assim, vislumbrar alguma coisa que existe para além da aparência, um outro plano não imediatamente acessível.

O Murilo Mendes ele associa coisas de uma visão religiosa, se a gente pode dizer assim, à própria ideia da arte de vanguarda, que é uma arte assim que busca muito além da imitação imediata da realidade

Esse vínculo entre a matéria e o espírito, entre o corpo e alguma coisa que possa representar um transporte, também, dentro dessa ideia da vocação transcendente, não estão separadas nele justamente.

Compartilhar de novo, também, com o próprio surrealismo, dessa ideia do gozo ou da experiência amorosa radical, como uma experiência de liberação e de alguma forma de elevação mesmo.

A experiência erótica, então, ela é propiciadora ele seria propiciadora também dessa realização da vocação transcendente.

"Esta noite eu te encontro nas solidões de coral

Onde a força da vida nos trouxe pela mão.
No cume dos redondos lustres em concha
Uma dançarina se desfolha.
Os sonhos da tua infância
Desenrolam-se da boca das sereias.
A grande borboleta verde do fundo do mar
Que só nasce de mil em mil anos
Adeja em torno a ti para te servir,
Apresentando-te o espelho em que a água se mira,
E os finos peixes amarelos e azuis
Circulando nos teus cabelos
Trazem pronto o líquido para adormecer o escafandrista.
Mergulhamos sem pavor
Nestas fundas regiões onde dorme o veleiro,
À espera que o irreal não se levante em aurora
Sobre nossos corpos que retornam às águas do paraíso."

Eu acho que os livros ali entre 38 e 45, isto é, "As metamorfoses", "Mundo enigma", "Poesia liberdade", se eles se alimentam da religião, eles já sentem uma questão muito própria inteiramente autônoma como linguagem poética, em que isso aparece, que a religião aparece ao lado de outras componentes, e é um momento que poderia dizer, de maturidade do poeta, e também um momento político da poesia de Murilo Mendes, um momento que ele se volta para os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial de uma maneira muito forte, muito poderosa, ele é um poeta que se preocupa fortemente com o andamento da guerra, escreve dezenas de poemas a respeito, que vão desde o livro "As metamorfoses" justamente a "Poesia liberdade" e que são belos poemas públicos
Que ele compartilha com o Drummond com a Cecília Meireles com Oswald de Andrade por exemplo.

Nunca na história da humanidade, se tinha tido uma experiência de guerra como aquela, com tudo que ela trouxe, é um momento que a gente pode dizer, é quase um clichê, mas a própria figura do humano muda a partir daquilo ali

Nesse momento é como se ficasse muito claro que o objeto sublime que ele tem diante dele, aquele objeto que diante do qual sujeito tem que encontrar forças pra tentar dar conta intelectualmente, sensorialmente e perceptivamente daquele objeto sublime, e esse objeto passa a ser a própria história

E o Murilo vai processar isso em vários poemas dele, tentando dar conta disso, eticamente, poeticamente em vários poemas desse período

Homenagem a Raimundo Lúlio

"A inocência perguntou à crueldade:

Por que me persegues?"

A crueldade respondeu-lhe:

-E tu, porque te opõem a mim?"

Isso é o primeiro estrofe.

Segunda

"A veia do camponês, queixou-se do cavalo do ditador, então, o cavalo forte queixou-se das esporas do ditador"

Entende, quer dizer, é uma visão de que a guerra não é só aquela guerra, haverá sempre guerra, e a seguinte vai dizer isso.

"O pensamento encontrou-se com a eternidade, e perguntou
De onde vens?
-Se eu soubesse, não seria eterna
Para onde vais?
-Volto para de onde venho"

Entende, quer dizer, esse lado "Muriliano", que é interessantíssimo dentro do modernismo, porque ninguém tem essa visão, porque não é abstrata, é esse o negócio que é interessante, não tem nada a ver com os poetas simbolistas cristãos, tipo Alphonsus de Guimaraens, porque tudo nele é a matéria

E todos os elementos que estão em jogo, são elementos transcendentais, essa é a palavra complicada para entender Murilo, são todos elementos transcendentais e essa transcendência dialoga, não abstratamente com uma certa doutrina católica, mas ela dialoga com mais concreto da realidade sócio política nacional mundial, é isso que torna o Murilo ao meu ver, uma figura fascinante

Se casa com uma portuguesa de uma família bem tradicional portuguesa, que ela é filha de Jaime Cortesão grande historiador, Maria da Saudade Cortesão

Eu acho que a Maria da Saudade é importante porque a saudade passa a ter uma grande complexidade em toda construção da obra de Murilo a partir daí, ela é a primeira grande crítica de tudo aquilo que Murilo escreve

As figuras femininas da poesia de Murilo Mendes, são..., na poesia de Murilo Mendes, são importantíssimas, são desde a Jandira, da famosa Jandira, que é um poema lindíssimo, tem uma quantidade enorme de figuras femininas, todas as figuras femininas que vão aparecer na "Idade do serrote", que ali você acompanha, também, de algum modo, você tem uma memória dessas figuras femininas

Existe toda uma genealogia feminina muito fascinante, e aquilo que ele vai chamar de musas de passagem, aquela pelas quais você transita, que é uma experiência Etc., e continua

"O mundo começava nos seios de Jandira.

Depois surgiram outras peças da criação:
surgiram os cabelos para cobrir o corpo,
(às vezes o braço esquerdo desaparecia no caos).
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.
E surgiram sereias da garganta de Jandira:
o ar inteirinho ficou rodeado de sons
mais palpáveis do que pássaros.
E as antenas das mãos de Jandira
captavam objetos animados, inanimados,
dominavam a rosa, o peixe, a máquina.
E os mortos acordam nos caminhos visíveis do ar
quando Jandira penteia a cabeleira...
Depois o mundo desvendou-se completamente,
foi-se levantando, armado de anúncios luminosos.
E Jandira apareceu inteiriça,
de cabeça aos pés.
Todas as partes do mecanismo tinham importância.
E a moça apareceu com o cortejo do seu pai,
de sua mãe, de seus irmãos.
Eles é que obedeciam aos sinais de Jandira

crescendo na vida em graça, beleza, violência.
Os namorados passavam, cheiravam os seios de Jandira
e eram precipitados nas delícias do inferno.
Eles jogavam por causa de Jandira,
deixavam noivas, esposas, mães, irmãs
por causa de Jandira.
E Jandira não tinha pedido coisa alguma.
E vieram retratos no jornal
e apareceram cadáveres boiando por causa de Jandira.
Certos namorados viviam e morriam
por causa de um detalhe de Jandira.
Um deles suicidou-se por causa da boca de Jandira.
Outro, por causa de uma pinta na face esquerda de Jandira.
E seus cabelos cresciam furiosamente com a força das máquinas;
não caía nem um fio,
nem ela os aparava.
E sua boca era um disco vermelho
tal qual um sol mirim.
Em roda do cheiro de Jandira
a família andava tonta.
As visitas tropeçavam nas conversações
por causa de Jandira.

E um padre na missa
esqueceu de fazer o sinal-da-cruz por causa de Jandira.

E Jandira se casou.
E seu corpo inaugurou uma vida nova,
apareceram ritmos que estavam de reserva,
combinações de movimento entre as ancas e os seios.
À sombra do seu corpo nasceram quatro meninas que repetem
as formas e os sestros de Jandira desde o princípio do tempo.

E o marido de Jandira
morreu na epidemia de gripe espanhola.
E Jandira cobriu a sepultura com os cabelos dela.
Desde o terceiro dia o marido
fez um grande esforço para ressuscitar:
não se conforma, no quarto escuro onde está,
que Jandira viva sozinha,
que os seios, a cabeleira dela transtornam a cidade
e que ele fique ali à toa.

E as filhas de Jandira
inda parecem mais velhas do que ela.
E Jandira não morre,
espera que os clarins do juízo final
venham chamar seu corpo,
mas eles não vêm.
E mesmo que venha, o corpo de Jandira
ressuscitará inda mais belo, mais ágil e transparente."

"Vivo em Roma porque aqui posso exercer
meu trabalho de professor, escritor e membro

de uma sociedade secreta que se propõe dinamitar o monumento de Piazza Venezia. Porque Roma, segundo um célebre soneto de Quevedo, não está mais em Roma, portanto não me sinto mais obrigado a seguir os rastros dos Césares. Porque seu povo é humano e simpático. Porque Roma tem belas mulheres, praças estupendas; este ocre de suas casas me serve de tônico. Porque aqui encontrei amigos deliciosos: que geralmente não creem que $2 + 2 = 4$. Porque em Roma existe o Museu de Valle Giulia: quando entro ali me transformo num etrusco. Porque raramente se topam rinocerontes nos seus parques. Pois que é a cidade que vive sob o signo do juízo universal e da mais formidável história em quadrinhos, exatamente o juízo universal de Miguel Ângelo, o 'Arrabbiato' por excelência. Porque vivendo em Roma não sinto necessidade de ir à lua. Somos aqui, todos, lunáticos."

Murilo vai pra Europa e vai fazer palestra sobre cultura brasileira, quando Murilo volta da Europa, ele tá decidido, a voltar para a Europa em outro sentido, não mais de um viajante, mas um dos sentidos de morar, ele tenta primeiro morar na Espanha, e tem o visto de permanência negado, e depois então ele vai pra Roma

O Murilo acaba sendo quase o primeiro momento onde a literatura brasileira, um dos primeiros momentos que a literatura brasileira começa a ser na marra, obrigatoriamente lida, porque o poeta tá ali e é presente e ao mesmo tempo é aquele que vai fornecendo os elementos para se ter o mínimo conhecimento que era a literatura feita no Brasil
O fato dele estar ligado a Universidade de Roma dando curso de literatura brasileira, claro que isso vai ser importante e vai ser muito importante de imediato a figura (33:30 áudio não entendido) porque era uma das primeira que escreve textos que entraram para fortuna crítica do Murilo Mendes

Tem momento ali da obra dele a partir dos anos cinquenta em que ele vai perceber como a história é no fundo, não a história de um determinado momento, só um mergulho no passado, mas é uma espécie de copresença dos tempos.

Chega na Cecília não é só que ele vai ver na Cecília antiguidade, presente, naquele momento, nos anos cinquenta, mas ele vai ver como a Cecília é sobreposição de tempos
É um lugar em que as mais diferentes civilizações as mais diferentes experiências culturais, não só ocorreram, mas deixaram vestígios, história não é algo dado no passado, a história está presente ali.

"Correspondendo a fragmentos de astros,
A corpos transviados de gigantes,
A formas elaboradas no futuro,
Severas tombando
Sobre o mar em linha azul, as ruínas

Severas tombando
Compõem, dóricas, o céu largo.
Severas se erguendo,

Procuram-se, organizam-se,
Em forma teatral suscitam o deus
Verticalmente, horizontalmente.

Nossa medida de humanos
-Medida desmesurada-
Em Selinunte se exprime:
Para a catástrofe, em busca
Da sobrevivência, nascemos."

O mediterrâneo era uma espécie de reencontro que acontecia no Mundo, os lugares pelos quais ele está circulando ali, sobre os quais ele está escrevendo, Espanha, Portugal, Itália, Itália sobretudo do sul

Ele vai ter...para acaso ele tenha livros todo de poemas sobre a Cecília, era no fundo um reencontro com o terceiro mundo, ou seja, com aquilo que ele tinha deixado no Brasil também, era um outro terceiro mundo

É como se ele pudesse também recuperar uma experiência de interesse social, de interesse pelas questões sociais, que estavam dadas no Brasil, e que ele volta a perceber lá

Esse livro "Convergência" é um livro muito diferenciado pelo concretismo e aí é um caso espantoso, assim, de um poeta mais velho, que assume, absorve a influência de poetas mais novos que estavam surgindo ali

Mesmo o poeta, assim, já próximo dos 70 anos, ele procurou sempre essa atualização, estética, mesmo com um padrão forte na obra dele o que não deixa de ser uma espécie de retorno aquele programa modernista, a ideia de que uma questão fundamental do artista modernista era atualização da estética

Então acho que isso o Murilo Mendes cumpriu muito bem

Nós não podemos esquecer que o "Convergência" tem um livro gêmeo que é o "Hipótese", que é o livro que ele escreve em italiano e é um livro que é muito...tem uma série de semelhanças formais, e é muito curioso também esse caso de um poeta brasileiro que vai escrever um livro inteiro em outra língua.

E isso também mostra essa disposição sempre permanente dele, pra essa alteridade, para o outro, para as coisas diferentes, para a absorção de coisas novas

"O mapa" é um poema muito importante, é um poema que está publicado no primeiro livro do Murilo Mendes, e eu acho que ele cumpre as duas tarefas do que é um mapa

Um mapa serve primeiro em alguma medida como uma espécie de margem de um território, esse território é o próprio Murilo, é um autorretrato, mas há uma segunda função do mapa, o mapa não apenas faz uma imagem de um determinado lugar, ele permite também que aquele que tem o mapa em mãos se oriente.

É como se o Murilo dissesse: "Como eu sou, mas também, como eu quero ser, o que eu serei daqui em diante"

Mapa é alguma coisa que promete uma delimitação, mas que, na verdade cumpre um projeto de expansão, justamente de explosão dos limites, tem um movimento contínuo que é muito importante também, determina justamente com isso, sempre em transformação.

Tem uma convicção nessa concepção dele de que as coisas são necessariamente fluídas, qualquer fixação, trai, esse movimento essencial

Esse mapa que o Murilo Mendes desenha de si mesmo, é um mapa que se define muito por uma série de "antítese", de experiências antitéticas, ele é uma coisa e é o seu contrário ao mesmo tempo, ele quer ser uma coisa e quer ser o seu contrário ao mesmo tempo.

Mas o que é impressionante nessa postura, é que, dentro desse quadro de dilaceração, que a gente pode dizer, de despedaçamento, o Murilo consegue forjar uma unidade, uma unidade estranha, mas que munidade

E ele dá uma série de nomes nesse poema a essa unidade, talvez o mais conhecido desses nomes, seja bagunça transcendente, inaugura no mundo o estado de bagunça transcendente, a obra do Murilo Mendes vai ser marcada por isso, ou seja, é uma bagunça transcendente o tempo todo.

Bagunça porque tem essa presença do caos o tempo todo, mas é um caos que aspira sempre a um plano "outro"

É o ponto de partida do mapa, a gente não pode esquecer, ele vai começar justamente com essa imagem de alguém preso num determinado momento, circunscrito a um determinado recorte de tempo e de espaço, mas que vê a si mesmo, já como... explodindo aquele tempo e espaço

É um poeta que não cabe em si, ele tá tendo uma experiência do sujeito, que é um sujeito que tá se abrindo o tempo todo ao mundo, tá explodindo, tá se espalhando pelo mundo

"Me colaram no tempo, me puseram
uma alma viva e um corpo desconjuntado. Estou
limitado ao norte pelos sentidos, ao sul pelo medo,
a leste pelo Apóstolo São Paulo, a oeste pela minha educação.
Me vejo numa nebulosa, rodando, sou um fluido,
depois chego à consciência da terra, ando como os outros,
me pregaram numa cruz, numa única vida.
Colégio. Indignado, me chamam pelo número, detesto a hierarquia.
Me puseram o rótulo de homem, vou rindo, vou andando, aos solavancos.
Danço. Rio e choro, estou aqui, estou ali, desarticulado,
gosto de todos, não gosto de ninguém, batalho com os espíritos do ar,
alguém da terra me faz sinais, não sei mais o que é o bem nem o mal
Minha cabeça voou acima da baía, estou suspenso, angustiado, no éter,
tonto de vidas, de cheiros, de movimentos, de pensamentos,
não acredito em nenhuma técnica.
Estou com os meus antepassados, me balanço em arenas espanholas,
é por isso que saio às vezes pra rua combatendo personagens imaginários,
depois estou com os meus tios doidos, às gargalhadas,
na fazenda do interior, olhando os girassóis do jardim.
Estou no outro lado do mundo, daqui a cem anos, levantando populações...
Me desespero porque não posso estar presente a todos os atos da vida.
Onde esconder minha cara? O mundo samba na minha cabeça.
Triângulos, estrelas, noite, mulheres andando,
presságios brotando no ar, diversos pesos e movimentos me chamam a atenção,
o mundo vai mudar a cara,
a morte revelará o sentido verdadeiro das coisas.

Andarei no ar.

Estarei em todos os nascimentos e em todas as agonias,
me aninhei nos recantos do corpo da noiva,
na cabeça dos artistas doentes, dos revolucionários.

Tudo transparece:

vulcões de ódio, explosões de amor, outras caras aparecerão na terra,
o vento que vem da eternidade suspenderá os passos,

dançarei na luz dos relâmpagos, beijarei sete mulheres,
vibrarei nos canjerês do mar, abraçarei as almas no ar,
me insinuei nos quatro cantos do mundo.
Almas desesperadas eu vos amo. Almas insatisfeitas, ardentes.
Detesto os que se tapeiam,
os que brincam de cabra-cega com a vida, os homens "práticos"...
Viva São Francisco e vários suicidas e amantes suicidas,
e os soldados que perderam a batalha, as mães bem mães,
as fêmeas bem fêmeas, os doidos bem doidos.
Vivam os transfigurados, ou porque eram perfeitos ou porque jejuavam muito...
Viva eu, que inauguro no mundo o estado de bagunça transcendente.
Sou a presa do homem que fui há vinte anos passados,
dos amores raros que tive,
vida de planos ardentes, desertos vibrando sob os dedos do amor,
tudo é ritmo do cérebro do poeta. Não se inscreve em nenhuma teoria,
estou no ar,
na alma dos criminosos, dos amantes desesperados,
no meu quarto modesto da praia de Botafogo,
no pensamento dos homens que movem o mundo,
nem triste nem alegre, chama com dois olhos andando,
sempre em transformação. "